

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 6, Número 1, Jan.-Jun. 2017

UMA ANÁLISE INTERACIONISTA SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA POBREZA NA LITERATURA BRASILEIRA POR CAROLINA MARIA DE JESUS: “O QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA”.

AN INTERACTIONAL ANALYSIS ON THE SOCIAL CONSTRUCTION OF POVERTY IN BRAZILIAN LITERATURE BY CAROLINA MARIA DE JESUS: "THE ROOM OF CLEARANCE - DIARY OF A FAVELADA".

MELO, Miguel Ângelo Silva de
ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto de
(UNILEÃO)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITARESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 05/05/2017 • APROVADO EM 12/05/2017

Abstract

Carolina Maria de Jesus, because the patriarchal society, chauvinist and extreme social inequalities, had suffered throughout her life discrimination and had sufficient reasons to protect herself in this context of social exclusion. However, Carolina's daring and courage can be considered one of the earliest manifestations of female dissatisfaction and claim for gender equality. The methodology of this research is structured in a critical inductive

reflection focused on the social injustices that occurred at a time of full economic development in Brazil in the sixties of Juscelino Kubitschek's government.



Resumo

Carolina Maria de Jesus, por estar inserida a sociedade patriarcalista, machista e de extremas desigualdades sociais, sofreu durante sua vida inteira discriminações e tinha motivos suficientes para se resguardar nesse contexto de exclusão social. Todavia, a ousadia e a coragem de Carolina, podem ser consideradas uma das primeiras manifestações de insatisfação feminina e reivindicação por igualdade de gênero. A metodologia desta pesquisa se estrutura em uma reflexão crítica indutiva voltada para o quadro de injustiças sociais que ocorriam numa época de pleno desenvolvimento econômico no Brasil dos anos sessenta do governo de Juscelino Kubitschek.

Entradas para indexação

KEYWORDS: triarchal society. Shanty town. Poverty and Feminism.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade patriarcal. Favela. Pobreza e Feminismo

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

O Quarto de despejo é a primeira obra literária publicada pela escritora Carolina Maria de Jesus. A autoria que durante sua vida inteira sofreu discriminações por estar inserida a sociedade patriarcalista, machista e de extremas desigualdades sociais, tinha motivos suficientes para se resguardar nesse contexto de exclusão social.

Carolina viveu em uma época em que a mulher não detinha das mesmas liberdades civis que o homem, por essa razão, era submissa, destinada ao casamento, impedida de exercer funções “masculinas” e escrever publicamente um livro e quando isso ocorria, por vezes era alvo de censura e perseguição. Então, a ousadia e coragem de Carolina, podem ser consideradas uma das primeiras manifestações de insatisfação feminina e reivindicação por igualdade de gênero. Porém, para esta pesquisa iremos nos ater a uma reflexão voltada para o quadro de injustiças sociais que ocorriam numa época de pleno desenvolvimento econômico.

Por volta de 1960, seu livro é publicado, nesse momento o Brasil prosperava com o desenvolvimento econômico, do governo Juscelino Kubitschek. No entanto, era notório que tal fato acontecia nos grandes centros urbanos das capitais, favorecendo apenas o povo elitizado e os empresários poderosos, no outro extremo, à margem da sociedade estava o pobre, marginalizado, sobrevivendo em condições mínimas de subsistência, se alojando em barracos e favelas.

Ao longo da leitura de *O quarto de despejo*, observa-se em aspecto hodierno em sua história, ou seja, as más condições de vida, marcadas pela fome, pela falta de instrução e pelo descaso político e social, são fenômenos que se repetem no momento atual, provocando reflexões acerca da contemporaneidade de sua obra.

Nesse viés, Carolina Maria de Jesus entra em cena como a porta-voz do povo excluído¹ que vivia na favela, o que leva a crer que não iria se contentar com o desinteresse político e social pelo seu povo. Por essa razão, sua escrita é marcada como uma forma de expressão e também indignação, como coloca Toledo (2010, p.248) “com seu discurso ácido e realista atingiu diversos estratos sociais, “ascendendo” através da literatura, modificando a sua história pessoal e a literatura brasileira”.

Assim, nessa perspectiva, o foco da pesquisa se dá pela necessidade de revelar a importância da inserção da escritora no panorama literário através de seus escritos, que apesar de muitas adversidades, acreditou no seu propósito e narrou sua luta diária para a população brasileira enxergar a vida de uma mulher que viveu cercada por estigmas sociais, que excluía tanto ela como tantos outros que ali se encontravam.

A fim de conseguirmos maior familiaridade com a proposta temática sobre a escritora optamos por uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter bibliográfico, com suas fontes extraídas de livros e artigos científicos que abordem o tema pesquisado. Para a análise da obra foi selecionado o livro *O quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960) no qual serão destacados trechos da obra para assim seguirmos numa análise mais criteriosa sobre a temática

2 CAROLINA MARIA DE JESUS: SUA HISTÓRIA

Nascida em 1914, em Sacramento, interior de Minas Gerais, viveu parte de sua vida na favela Canindé, em São Paulo, Carolina Maria de Jesus, não ficou conhecida apenas por ser uma mulher negra, pobre, semianalfabeta, mãe solteira e moradora de favela, ela teve sua notoriedade, apesar de tardia, por ter sido também uma das maiores escritoras negras da literatura brasileira. Era semianalfabeta, porém, nos poucos anos que frequentou a escola primária, mais precisamente dois anos, aprendeu a ler e escrever. Mas, foi nos lixões como catadora de lixo reciclável que seus anseios pela escrita já se manifestavam, além de buscar no lixo um meio de sobrevivência para ela e sua família, Carolina, encontrava nesse ambiente, cadernos e livros que carregava consigo, registrando tudo aquilo que via e vivia na favela e nos lixões, como uma espécie de diário.

Em algumas entrevistas, contou que sua mãe era uma dona de casa muito religiosa e seu pai era um negro que cantava e fazia repentes, traços da personalidade de ambos que serviram de inspirações para inúmeros de seus manuscritos e que segundo conta Fernandez (2015, p, 155) “[...] de quem a escritora teria supostamente herdado a personalidade artística, sonhadora e nômade”. Foi mãe de três filhos, mas não chegou a se casar, aliás, não considerava a possibilidade

de um casamento, segundo ela seria uma verdadeira escravidão, o que mais tarde fora relatado em seus livros publicados.

Como escritora, apareceu nos noticiários em 1958, quando conheceu o jornalista Audálio Dantas, a quem lhe confidenciou a existência de seus incontáveis manuscritos. E por intermédio do jornalista, Carolina tem seu primeiro livro publicado em 1960, *O quarto de despejo* – o diário de uma favelada, cuja obra teve um reconhecido sucesso de vendas pela sua peculiaridade, foi um livro escrito por uma mulher negra e favelada, e foi também autobiográfico, mostrava as dificuldades sociais, étnicas e raciais, que possuía um caráter, hora lírico, hora denunciativo e de testemunho, que afirma (FERNANDEZ, 2015).

Com as vendagens de *O quarto de despejo*, Carolina, conseguiu sair da favela e foi para Santana, onde adquiriu uma casa de alvenaria num bairro de classe média. Mesmo saída da favela, a escritora ainda sofreu com discriminações raciais, por ser negra e pobre e não pertencer àquele ambiente, levando-a a se mudar pra outro local, posteriormente.

O quarto de despejo foi a principal obra da carreira literária de Carolina Maria de Jesus, mas não foi seu único livro publicado, além dele tiveram outras publicações, como *Casa de alvenaria* (1961), já saída da favela, lhe rendeu algumas críticas negativas, por não ser mais a escritora “porta-voz dos favelados”, como também ficou conhecida, os livros *Pedaços de fome* e *Provérbios*, ambos lançados em (1963) de forma independente. A escritora teve o lançamento de outros títulos póstumos como *Diário de Bitita* (1982) com seu título em francês *Journal de Bitita*, *Meu estranho diário* (1996) e *Antologia pessoal* (1996).

Seus livros tiveram ainda adaptações para peças teatrais e traduções para outros idiomas, como francês, romeno, russo, japonês, inglês, sueco e alemão. Em 2009 foi lançado o filme *Precious*², filme norte-americano de Sapphire. Em 2013, serviu de inspiração para o filme que retrata sua vida, chamado “Carolina”, do cineasta Jeferson De, no qual foi ganhador do prêmio de melhor fotografia no Festival de Gramado e do Kikito, como melhor filme. Já em 2014, foram lançados três documentários inspirados na autora, são eles *Vidas de Carolina*, de Jéssica Queiroz e *Das nuvens pra baixo* de Marco Antonio Gonçalves e Eliska Altmann e *Favela, a vida na pobreza*, dirigido por Christa Gottmann-Elter.

Carolina Maria de Jesus foi um dos grandes nomes da literatura negra feminina do Brasil, bastante aclamada e lida em países afora, porém ainda pouco conhecida no seu próprio país, por inúmeros motivos, dentre os quais, pode-se destacar o baixo nível de leitores e, sobretudo, a desvalorização da figura feminina com campo literário. Sendo esse um dos fatores que retardaram o seu reconhecimento, que, no entanto, vem ganhando notoriedade, principalmente nos estudos científicos, que pesquisam suas obras e sua história, dando destaque a tese da doutora em Teoria e História Literária Raffaella Andréa Fernandez, intitulada “Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus”, cuja tese foi usada como uma das principais bases teóricas para a composição desse trabalho, principalmente, pelo fato de que a “porta-voz do povo da favela” descansou na madrugada de 13 de fevereiro de 1977, em seu sítio em Parelheiros, por insuficiência respiratória. Assim, procuraremos resgatar a memória desta feminista e porta voz dos excluídos.

3 UMA ESCRITORA FAVELADA OU A PORTA-VOZ DOS EXCLUÍDOS



No Brasil existem aproximadamente 6.329 favelas ou aglomerados subnormais, que em outras palavras quer dizer “*assentamentos irregulares conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros*”, cujo termo foi assim adotado e como classifica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, segundo o censo realizado em 2010.

A palavra favela tem sua origem por volta do final do século XIX, com a Guerra de Canudos, quando os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro criaram uma cidadela denominada de favela, devido a uma planta de mesmo nome que existia no local. Passado o acontecimento em Canudos, que culminou num verdadeiro massacre, Rio de Janeiro recebeu os moradores vindos de Canudos que passaram a se aglomerar nos morros da cidade em barracos, também chamados de favela (JOANNOU, 2012).

A favela por vezes foi elemento central em obras de ficção literária, como por exemplo, em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que retrata a Guerra de Canudos, no entanto o termo favela não é usado num sentido pejorativo, e sim com mera acepção geográfica (AGUIAR, 2013). Já em *O quarto de despejo*, Carolina descreve a realidade presente na favela num sentido discriminatório e excludente dos moradores desses espaços. A favela retratada por ela, não é ficcional, trata-se da própria história de vida da autora, que não teve receio de revelar ao mundo a vida miserável que estava inserida, bem como, ousou falar da visão inapropriada que a sociedade, de maneira geral, tem de marginalizar o favelado.

LEFEBVRE (1969, apud Fernandes, 2005) usa a expressão “destruição da urbanidade” como sendo a restrição do acesso a espaços de convívio e socialização em espaços urbanos por moradores da favela. O que dá a entender é que há uma forte tendência à discriminação e segregação, dos espaços urbanos que atingem diretamente as favelas. Sobre isso, Fernandes diz que,

Ao limitar as utilizações e apropriações de determinadas parcelas do espaço urbano pelos pobres da cidade, o projeto conservador de cidade não apenas reforça a distância entre os entes que compõem o cenário urbano – dificultando, com isso, o exercício pleno da democracia e o respeito à alteridade -, como, também, estigmatiza ainda mais os moradores de favelas (FERNANDES, 2005, p.2).

Assim, Carolina nos permite refletir sobre inúmeras questões, dentre as quais, destacam-se, “falta de políticas públicas de inclusão e geração de renda para os jovens dessas comunidades carentes, falta de política de segurança, governantes omissos” (NAIFF; NAIFF, 2005, p.108). Esses estigmas fazem com que a sociedade crie uma visão errônea do morador da favela, tendendo a marginalizá-lo e humilhá-lo, de forma generalizada.

Muitos autores a chamaram de porta-voz da favela, pois mesmo que indiretamente, Carolina buscou levar à tona a imagem da favela em sua obra, quis mostrar que o seu ambiente de toda a vida tinha muito a ser explorado, a favela era um lugar de gente oprimida pelo sistema, mas que queria ter espaço na sociedade para mudar a realidade em que viviam.

[...] a favela está procurando ser o seu próprio porta-voz. Não está querendo mais ser vista apenas pelo olhar exterior; quer ser protagonista e autor de sua história. É um movimento de dentro para fora, bem diferente da atitude que movia os intelectuais de esquerda dos anos 60 que, generosos mas paternalistas, subiam o morro atraídos pelo tema e “levando” cultura (VENTURA, 2010 apud, BARCELLOS, 2014).

Ainda que a favela seja vista mundo afora como um palco de violência, pelo narcotráfico, pelo porte ilegal de armas, que levam a verdadeiras guerras entre traficantes e policiais e na morte de inocentes, as reflexões em torno do que Carolina registrou em livros aponta para um redirecionamento das representações sociais que visem propor mudanças e políticas públicas mais inclusivas, que de fato funcionem e favoreçam o crescimento econômico e social dessas comunidades.

Carolina pode até não ter entendido a dimensão que sua obra possibilitou para a percepção desses debates. Em consonância com o já exposto Toledo acrescenta,

Algo de muito forte e preciso está entre essas linhas; talvez seja a escrita de si como mulher, negra, favelada e mãe. A sua forma de pensar *female* registrada em papel, vendida para todo o país revela não só a miséria material, mas um mundo onde todos são capazes, inclusive as mulheres (TOLEDO, 2010, p.250).

Sua obra serviu de escopo para repensar questões sociais que afligem diariamente a vida de centenas de pessoas, pelo país a fora. Como corrobora Meihy, “mesmo com julgamentos ambíguos, Carolina não deixou de expressar o que pensava sob o denominador de um tema comum: a pobreza em sua luta diuturna pela subsistência” (IBIDEM, 2016, p. 528).

4 ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: O QUARTO DE DESPEJO COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E CONTEMPORÂNEA

A obra *O quarto de despejo*, pode ser definida como um romance não ficcional e autobiográfico, ou mesmo um diário pessoal da vida da escritora Carolina Maria de Jesus. É um livro que se insere num contexto contemporâneo da vida nas favelas brasileiras, alastradas pela fome, pobreza, tráfico de drogas e porte de armas pesadas, resultantes da falta de ação do governo e das políticas de inclusão social.

Em todo enredo, narrado pela própria Carolina, a autora faz ressalvas a esses problemas enfrentados cotidianamente. No trecho que se segue, e ao longo da leitura percebe-se um dos fatores de desigualdade existente nas favelas:



Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem privilegio de gosar descanso (JESUS, 1960, p.9-10).

Os erros ortográficos presentes na escrita de Carolina são notórios em seus livros, como destacamos as palavras "socego" "privilegio" e "descanço" para se referir as palavras, respectivamente, sossego, privilégio e descanso. Ao longo da leitura essa deficiência é evidente, mas não iremos aprofundar nesse detalhe, queremos apenas mostrar que o problema da baixa escolaridade é um dos problemas enfrentados nas favelas brasileiras.

Em estudos realizados sobre a vida da escritora, mostram que a discriminação sofrida vinha até mesmo dos próprios vizinhos de Carolina, também moradores da favela, suas insatisfações existiam pelo fato de a mesma dominar um pouco da leitura e da escrita, no entanto, como o trecho em destaque abaixo mostra por estar à frente dos favelados e ter mais instrução, esses moradores viam em Carolina uma espécie de representante frente a pessoas de maiores poderes, ao apontar que “quando vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e velhos que vinham reclamar que o José Carlos havia apedrejado sua casa. Para eu repreendê-lo” (JESUS, 1960, p.10).

Um outro grave problema emergente nas favelas está no descaso por parte do Estado, que não pensa políticas públicas e mecanismos de melhorias dessas moradias. O fator principal para o declínio dos governantes, mesmo que injustificável, é a dominação dos traficantes, a este respeito, Naiff e Naiff (2005) ressaltam que:

O tráfico de drogas, nesses últimos anos, teve um excelente espaço para aumentar e se multiplicar nas favelas cariocas e de outras cidades do país. Todas as condições da pobreza brasileira foram favoráveis ao seu crescimento, além do descaso e conivência dos poderes políticos e econômicos (NAIFF; NAIFF, 2005, p.110).

Ainda assim, nos últimos anos pesquisas apontam que algumas favelas já foram extintas como é o caso da favela do Pasmado, em Botafogo, a da Praia do Pinto e a da Catacumba, ambas na Lagoa e a do Esqueleto, em Vila Izabel, dando espaço aos parques (Parque da Catacumba, na Lagoa), universidades (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no local da antiga Favela do Esqueleto) ou edifícios luxuosos (condomínio Selva de Pedra), (WIKIBOOKS, 2016). Carolina aponta que:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem no meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos (JESUS, 1960, p.17).

A violência ainda está presente na maioria das favelas, jovens e crianças se sentem influenciados por traficantes dos morros e acabam seguindo seus passos. Devido à carência do acesso à cultura e educação motivam as crianças e adolescentes para a linha de frente do tráfico. É uma realidade cruel retratada por Carolina e ainda recorrente nos dias atuais:

Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. O assalto teve início as 4 horas (JESUS, 1960, p.19).

O preconceito racial ainda está arraigado em nossa sociedade, e nos anos em que a obra se passa tal manifestação era ainda mais forte, até mesmo entre os próprios negros, como aponta a passagem que diz. Essas e outras expressões verbais são ditas como estereótipos racistas, a destacar: - todo negro tem tendências a marginalidade; o negro tem "cabelo de bombрил" (expressão pejorativa para falar do cabelo crespo do negro, herança adquirida pelos africanos que foram trazidos para o Brasil no período colonial); o negro se assemelha ao macaco, devido a sua cor, entre outras formas de discriminação.

Nessa passagem a autora salienta: "Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: - Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam" (JESUS, 1960, p.24). Carolina tece um discurso de valorização da raça negra, em razão da discriminação racial que existe no país:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar, é indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 1960, p.58).

Pensando na inclusão no negro da sociedade. Durante a ditadura militar um grupo de negros criou o que ficou conhecido como FRENAPPO (Frente Negra de Ação Política de Oposição). Era um grupo de parlamentares negros de oposição a ditadura que lutaram pelo reconhecimento de direitos civis a negros e o fim da discriminação racial.

A falta de mulheres no cenário político, que naquela época era quase um desafio, pois as normais instituídas pelo patriarcalismo, impedia que as mulheres tivessem vez e voz dentro da política. Carolina foi uma dessas mulheres que ao seu modo queixou-se da condição de vida que tinha e lutou contra essa realidade. Os trechos ressaltam:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil pois eu lia História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe: - Por que a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem (JESUS, 1960, p.48).

Em outro ponto Carolina fala: “Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil para a pátria e o país” (JESUS, 1960, p.26). Naquela época e até hoje, a favela ainda é vista como um ambiente perigoso, que os favelados são todos marginais. Tal fato tem destaque, pois o tráfico ainda domina aquele território. Corroborando com o supracitado Naiff e Naiff enfatizam que:

Infelizmente, os traficantes se aproveitam da camuflagem de “moradores de favela” para se misturar e dificultar a ação da polícia. A própria estrutura espacial, cheia de vielas e becos, favorece a favela como local de esconderijo (NAIFF; NAIFF, 2005, p.109).

Nessa passagem pode-se fazer uma alusão há um tema atual, que gera discussões acerca da redução da maioria penal, daqueles que são contra ou que não a favor. Percebe-se aqui, o quanto são falhos e desestruturados os sistemas corretivos para menores no Brasil. A redução dá maioria se direciona a dois pontos de discussão, por um lado, os que a defendem alegam que um menor que praticou um crime deve cumprir pena, independente da sua idade. Em outro ponto, está aqueles que são contrários a redução, por perceberem que outras medidas socioeducativas, que não seja a prisão, são mais benéficas para o menor que comete um delito.

Penso: porque será que os meninos que fogem do Juizado vem difamando a organização? Percebi que no Juizado as crianças degrada a moral. Os Juizes não tem capacidade para formar o caráter das crianças. O que é que lhes falta? Interesse dos infelizes ou verba do Estado (JESUS, 1960, p.79).

Com o advento da internet e a explosão informacional, o alcance às informações acontece de forma rápida e quase instantânea, sobretudo, através das redes sociais, como Twitter e Facebook. Entretanto, há uma grande preocupação quanto ao tipo de informação disseminado, quanto a confiabilidade e imparcialidade. Carolina, quando diz que:



Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que lia um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em pode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 1960, p.96).

Logo nos remete a pensar em até que ponto se pode confiar nas informações que são veiculadas e como influenciam nas ações e na vida das pessoas. As redes sociais da atualidade, além de entreter, estão abrindo espaços para diálogos e discussões entre pessoas da qualquer parte do mundo, sobre temas do cotidiano, de modo que, esses mecanismos além de proporcionar o acesso à informação, são formadores de opinião. E tais informações devem contribuir para o pensamento crítico e intelectual da sociedade sem discriminações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de muitas perseguições e críticas a sua obra Carolina teve uma trajetória de incontestável importância para o cenário da literatura negra feminina no Brasil. Menosprezaram seu trabalho no seu país de origem, mas a escritora foi e é aclamada até hoje em países estrangeiros, pela sua postura um tanto transgressora e realista, de quem vivem de perto os problemas sociais do povo que vive sem esperanças e com poucas condições de vida dentro das favelas.

Carolina não foi um produto de mercado, que teve a chama da fama acesa, depois apagada, com o apogeu militar, e em seguida re-acesa com a abertura política. Ela teve seu mérito, pois foi uma mulher militante ao seu modo, buscou desde cedo, apesar de a sua volta lhe mostrar o contrário, preferiu seguir seu sonho de se tornar escritora, e mostrar suas autobiografias para o mundo. Mesmo como catadora de lixo, e juntadora de cadernos e livros velhos, fez daquilo sua forma de expressão. Com a mesma declarou certa vez, quando lhe chamavam de mendiga e suja, ela retrucou: “não sou mendiga, pois mendigos pedem dinheiro, eu busco por livros”.

A pesquisa pretendeu abordar sobre um dos livros mais conhecidos de todos os tempos, O quarto de despejo, que ganhou notoriedade pela sua escrita peculiar, sem caprichos e sem a estilística impecável exigida pelas editoras. Era um livro de verdades, crua, realista e desafiadora, como foi a figura da própria Carolina, enquanto vida. Meihy (2015) completa em seu artigo se referindo a Audálio Dantas, cujo jornalista a descobriu,

Sobretudo o que cativou o jornalista foi a possibilidade de torná-la atraente porque avesso das mulheres, brancas, educadas, detentoras da norma culta, que então estreavam nas letras [...] Carolina tinha a seu favor o fato inexorável de ter uma favela como cenário e a miséria como matéria do cotidiano existencial (MEIHY, 2016, p.525).

O quarto do despejo, ainda movimenta inúmeras demonstrações de reconhecimento à obra de Carolina, seja por pesquisadores ávidos em que compreender a vida dessa escritora destemida, seja pelo interesse comercial da indústria cinematográfica e literária, em lançamentos de filmes e livros em sua homenagem. Essa retomada de sucesso mesmo que póstuma, mostra que o patrimônio artístico deixado por Carolina, não foi em vão, e sua obra transcende as barreiras do tempo e da história.

Notas

¹ Entende-se aqui por excluídos aquelas pessoas que viviam nas favelas e que não possuíam, ou que eram reduzidos os seus direitos básicos de cidadania tais como saúde, educação, segurança, moradia, entre outros auxílios sociais.

² Segundo Sérgio Barcellos, “Ao ser entrevistada por ocasião da adaptação de seu romance *Push* para o cinema (Precious, EUA, 2009), Sapphire, escritora negra norte-americana, declarou espanto ao saber que Carolina Maria de Jesus é pouco lida no Brasil: ‘Eu dava um curso baseado em diários de mulheres, Virginia Woolf, Sylvia Plath, Frida Kahlo, Carolina Maria de Jesus. Os das brancas eram introspectivos. O dela falava de classe, raça, luta por comida para os filhos’. A personagem Preciosa, que dá nome ao filme, foi, segundo a escritora, parcialmente construída a partir da figura de Carolina: ‘Fico impressionada porque os brasileiros dizem que nunca ouviram falar de Carolina de Jesus ou de seu livro. Nos EUA você compra facilmente’, conclui Sapphire, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo” (edição de 23 de janeiro de 2010).

Referências

AGUIAR, F. de P. M. **A favela, ontem e hoje**. 2013. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4532605>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

BARCELLOS, S. **Sobre Carolina e sua obra**. In: Vida por escrito - Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. 2014. Disponível em:

<<http://www.vidaporescrito.com/#!about1/ctqi>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

FERNANDES, F. L. Os discursos sobre as favelas e os limites ao direito à cidade. **Cidades**, Presidente Prudente, v.2, n3, p. 37-62, jan./jun. 2005. Disponível em:

<http://www.redbcm.com.br/arquivos/biografia/os_discursos_sobre_as_favelas_e_os_limites_ao_direito_cidade.pdf>. Acesso em 9 jul. 2016.

FERNANDEZ, R. A. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. 2015. 315f. Tese (Doutora em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2015. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000959623&fd=y>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

JESUS, Carolina Maria de Jesus. **O quarto do despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática & Francisco Alves, 1960. 173p. Edição Popular.

_____. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1961.

_____. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Águila, 1963. .

_____. **Provérbios**. São Paulo: Edição da Autora, 1965.

_____. **Journal de Bitita**. Paris: A.M. Métaillé, 1982.

_____. **Meu estranho diário**. MEIHY e LEVINE (Orgs.). São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Antologia pessoal**. MEIHY e LEVINE (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JOANNOU, W. **Mediocridade plural**: a favela como hoje conhecemos e a sua origem. 2012. Disponível em: < <http://mediocridade-plural.blogspot.com.br/2012/04/origem-da-palavra-favela.html>>. Acesso em 9 jul. 2016.

MEIHY, J. C. S. B. Repensando Carolina Maria de Jesus. **Revista Diversitas**, [S.l.], n. 3, p. 520-529, Abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113905/111761>>. Acesso em: 10 jul 2016.

NAIFF, L. A. M.; NAIFF, D. G. M. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 5, n.2, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v5n2/v5n2a11.pdf>>. Acesso: 9 jul. 2016.

TOLEDO, C. V. S. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. **Letrônica**, v. 3, n. 1, p. 247-257, julho 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/7066/5732>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

WIKIBOOKS. **A cidade do Rio de Janeiro no século XX/segunda metade do século XX**. 2016. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_século_XX/Segunda_meta_de_do_século_XX>. Acesso em: 16 jul. 2016.

Para citar este artigo

ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto de; MELO, Miguel Ângelo Silva de. Uma análise interacionista sobre a construção social da pobreza na literatura brasileira por carolina maria de jesus: “o quarto de despejo –diário de uma favelada”. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 29-41, jan.-jun. 2017.

Os autores

Yohana Maria Monteiro Augusto de Alencar é especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Especialista em Direito de Família pela Universidade Regional do Cariri.

Miguel Ângelo Silva de Melo é doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Educação Intercultural e Antropologia pela Faculdade de Ciências da Educação e Antropologia da Universidade de Hamburgo/ Alemanha (2005).

